



GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS

Andrea Geraldi Sasso¹; Fabiane Freire França²

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Campo Mourão, dreasasso@gmail.com, prof.fabiane@gmail.com

RESUMO: O trabalho tem como objetivo elencar discussões acerca da (re)produção de representações hegemônicas de gênero, demarcadas nas práticas educativas de uma instituição escolar municipal da cidade de Campo Mourão/PR, Brasil, nas modalidades de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, apresentando propostas de intervenções pedagógicas voltadas à formação e prática docente. Nesta direção, busca-se responder: Como os Estudos de Gênero podem contribuir para uma formação continuada de professoras no âmbito escolar? Os dados para análise foram recolhidos da participação de um projeto de extensão envolvendo todas as profissionais da instituição (pedagoga, coordenadora, professoras e funcionárias), observações não-participantes em sala de aula e ações diversas do cotidiano escolar. Utilizamos os pressupostos da vertente teórico-metodológica dos Estudos de Gênero com aporte dos Estudos Culturais nesta pesquisa, por proporcionar a problematização do que é considerado natural e normal pela sociedade, afim de perceber que, ao se trabalhar as relações sociais e culturais de gênero na educação, a identidade de homens e mulheres, são (re)produzidas e incorporadas ao longo da vida de acordo com o que as instâncias sociais propõem, dentre elas, a escola. Diante da categorização e análise teórica dos dados, ficou evidente o binarismo nas falas e ações das professoras, demais profissionais e funcionárias da escola, bem como nas ações dos/as alunos/as no contexto pesquisado. Em contrapartida, evidenciamos que pensar a educação na visão do gênero é possível, e permite problematizar possíveis situações que surgem no decorrer do cotidiano escolar, seja dentro ou fora da sala de aula.

Palavras-chave: Educação; Representações de Gênero; Práticas Pedagógicas; Formação Continuada.

¹ Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional (UniCesumar). Pós-graduada em EAD e as Tecnologias Educacionais (UniCesumar - 2015). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão – 2013).

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão). Colíder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC-UNESPAR-CNPQ).



Introdução: Frente ao cotidiano reforçador (social, cultural, histórico, etc.) de tipos de comportamentos, posturas e maneiras/formas de “ser” que moldam e demarcam corpos, gêneros, sexualidades, etc., deparamo-nos muitas vezes, com atitudes preconceituosas, desiguais que refletem em sala de aula, seja por parte dos/as próprios/as alunos/as, por parte das professoras³, demais profissionais/funcionários/as ou em inscrições explícitas ou implícitas nas paredes, muros, portas, carteiras, etc. do ambiente escolar (LOURO, 2000).

Lidar com as representações (ideias/concepções) sobre os assuntos citados na escola, permiti-nos entender que não há respostas únicas, prontas e certas, mas sim, representações que se alteram e que se adaptam conforme os seus usos e circunstâncias do contexto histórico (HALL, 1997, p. 09, *apud*, WORTMANN, 2001).

Desse modo, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa vinculada ao programa de Iniciação Científica (UNESPAR/Campo Mourão) desenvolvido ao longo dos anos de 2012 a 2013 e fomentado pela Fundação Araucária, cujo objetivo foi

³ Neste trabalho, damos preferência à utilização do termo *professoras*, e não *professores/as*, tendo em vista que as mulheres são maioria entre os docentes no período de alfabetização, além disso, o único professor homem da referida escola não aceitou participar do projeto de extensão.

investigar as representações de gênero presentes nas práticas educativas da Educação Infantil, e anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública, municipal, da cidade de Campo Mourão/PR, e nesta direção, provocar maiores discussões sobre a temática, além de refletir sobre ações e propostas pedagógicas na escola.

Diante da categorização e análise teórica dos dados, ficou evidente o binarismo nas falas e ações das professoras, demais profissionais e funcionárias da escola, bem como nas ações dos/as alunos/as no cotidiano escolar. Destacamos também, que nossas concepções acerca do mundo e de nós mesmos/as estão pautadas em visões hegemônicas, nas relações sociais vivenciadas e construídas com base em parâmetros de normalidade.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, priorizamos o referencial teórico metodológico da abordagem dos Estudos de Gênero com aporte teórico dos Estudos Culturais. Para isso, a abordagem teórica propõe análises e intervenções sobre o que é considerado natural e normal pela sociedade, principalmente na instituição escolar.

Esta pesquisa, caracterizada como uma pesquisa-ação participativa (COSTA, 2003), permitiu a convivência com as participantes



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(diretora, pedagoga, professoras e funcionárias) do projeto de extensão, as observações não-participantes em sala de aula da relação professora e alunos/as, entre alunos/as e do ambiente escolar como um todo (cartazes, inscrições, brincadeiras). Na condição de colaboradora do projeto de extensão foi possível levantar os dados necessários para a realização do presente trabalho.

O projeto de extensão, desenvolvido pela universidade local (UNESPAR/Campo Mourão), envolveu ao todo 18 profissionais, dentre elas, a diretora, pedagoga, professoras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental e auxiliares de serviços gerais, que também demonstraram interesse em participar do projeto.

Foram realizados no total oito encontros, quinzenais. O foco principal dos encontros foi à abordagem das discussões de gênero, sexo e sexualidade na sala de aula, com ênfase nas diferenças de homens e mulheres que podem se configurar como desigualdades nas esferas sociais. O fato, por exemplo, de mulheres ocuparem os mesmos cargos profissionais de homens, mas não terem o mesmo reconhecimento social (FRANÇA, 2009). Para este trabalho, priorizamos a análise do sétimo encontro, por ser este voltado mais especificamente as discussões de gênero, além do mais, todos os

encontros correspondem à um vasto material para posteriores estudos.

Foram realizadas observações em sala de aula (Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental) em uma instituição escolar pública da cidade de Campo Mourão/PR, onde atuam as profissionais participantes do curso, durante meio período (vespertino). Este projeto de extensão ocorreu no período de agosto a novembro de 2011. Foram utilizados registros em caderno de campo, com objetivo de levantar possíveis casos da desigualdade de gênero e usá-los nas discussões dos encontros com as participantes.

Também foram gravados em áudio e transcritos, todos os oito encontros com as profissionais juntamente com a equipe coordenadora do projeto. Buscou-se autorização da instituição para o uso das transcrições de todos os encontros na íntegra, cumprindo os termos éticos da pesquisa de não revelar a identidade das participantes.

Para análise, subdividimos os dados coletados, em dois momentos. Mediante as teorizações sobre as discussões de gênero, apresentaremos como primeiro momento de análise, as discussões do projeto de extensão, que representa as concepções que as professoras, diretora, pedagoga e demais profissionais abordam sobre as relações de



gênero, denominada neste trabalho como ‘Concepções sobre gênero’. O segundo momento ‘Espaços (re)produtores de gêneros’, perpassa as observações, sobre as relações entre professores/as e alunos/as, entre alunos/as e demais marcações presentes fora da sala de aula, porém presentes dentro do espaço escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS

Inúmeras são as situações, como observadas durante a realização deste projeto, em que sujeitos, de forma intencional ou não pré-julgam os papéis, comportamentos, pensamentos que não seguem os padrões estabelecidos. Um exemplo disso é quando escutamos certas expressões sobre a mulher, que na maioria das vezes, ainda é vista nesta sociedade como a frágil fisicamente, sem defesa, apelidada de o “sexo frágil”. Enquanto o homem é visto como aquele que se sobressai pela coragem, força e o vigor sexual. Exemplos como estes, mostram que os estereótipos ligados ao gênero são reforçados “[...] por práticas divisoras de sujeição, conseguidas pelas relações econômicas, pelos hábitos e tradições e, também, pela educação” (MESOMO, 2004, p. 101).

Diante disso, subdividimos a análise dos dados em dois importantes momentos: anotações e transcrição do áudio das

representações das participantes durante o sétimo encontro do projeto de extensão. Em segundo momento, as observações não-participantes nas salas de aula e demais espaços da escola que foram categorizadas na sequência.

O primeiro momento de análise contempla as anotações em caderno de campo das representações das participantes professoras, pedagoga, diretora e funcionárias da escola, tendo como ponto de destaque as ‘Concepções sobre gênero’.

No grupo de estudos foi relevante perceber os tipos de representações que aparecem nas falas das professores/as e demais profissionais como padrões. A questão é que tais padrões, de modo direto ou indireto, refletem na identidade de cada uma, explicando assim, como se forma o *ser*, o que se quer *ser*, como *ser*, pois, não há dúvidas de que em diferentes lugares, exigem-se diferentes comportamentos, aceitáveis e os não aceitáveis, influenciados por diversas instituições como a mídia, política, família e, sobretudo, a escola. É neste contexto que enfatizamos a opinião das participantes ao serem questionadas sobre os padrões de gênero,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Coordenadora⁴: “Na sociedade nós temos muito demarcado a relação de que os homens “são” o que as mulheres não “são”. Há diferenças pra vocês?”. As participantes respondem que são muitas as diferenças. A Coordenadora questiona: “Quais as diferenças Ana?”. Ana responde: “as mulheres são sensíveis e os homens são insensíveis”. A partir destas questões a coordenadora faz uma proposta: “Por conta dessas diferenciações eu vou pedir a vocês que escrevam neste papel, por gentileza. Nessa folha, escrevam as qualidades que são consideradas de homens e as qualidades que são consideradas de mulheres”. A participante Joana pergunta: “Ah meu Deus! Pode ‘por’ defeito?”. Fernanda questiona: “Só as qualidades? Quantas?”. Carol expõe sua opinião: “Eu coloquei assim oh! Delicada, sensível, emotivas; homem racional, objetivos”. Sara complementa: “Responsáveis”. Helena contrapõe dizendo: “Nem todos ‘né’, mas as mulheres também são”. Denise: “A mulher é muito detalhista com as coisas, elas se emocionam, a mulher se preocupa com duas ou até mais coisas ao mesmo tempo: trabalho, com quatro filhos ou com alguma outra coisa”. Carol: “Ela consegue conciliar”. Paula: “É ela tem essa versatilidade”. Denise: “O homem simplifica mais as coisas”. (Trecho extraído da transcrição em áudio do 7º encontro – novembro/2011).

Notamos dúvidas e inquietações por serem essas qualidades também características “próprias” e pessoais que foram incorporadas ao longo do tempo sem tantos questionamentos, como mulher delicada e homem forte. Explicitamos durante os encontros a necessidade de percebermos outras qualidades tanto de homens quanto de mulheres, permitindo com isso, a oportunidade das participantes falarem de suas experiências no cotidiano da instituição escolar, elencando inúmeros fatos e determinados comportamentos ligados à temática que permeia o trabalho escolar.

Muitos pensamentos que são colocados como “naturais”, como por exemplo, os conceitos de sexualidade e de gênero estão carregados de preconceitos e evidenciam concepções que podem e muitas vezes estão relacionadas à, “[...] conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores, [...]”, (SANTOS e ARAUJO, 2009, p. 13) também ligados à formação, em relação à falta de preparação utilizada como argumento de professores/as para repensarem suas práticas pedagógicas.

Compreende-se assim, que o ambiente escolar,

[...] se constitui num contexto propício não só para a propagação de concepções sociais

⁴ As falas são diferenciadas das citações pela sua inserção em quadros com um formato em letra menor. Em alguns momentos são utilizados trechos das falas inseridos no corpo do texto identificado por aspas duplas. Todos os nomes citados são fictícios.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fundamentadas em referenciais hegemônicos – *no sentido de privilegiar determinados grupos sociais* – mas também das ali produzidas, que muitas vezes promovem as diferenças como produtoras de desigualdades sociais (SANTOS e ARAUJO, 2009, p.15, grifos nossos).

Assim, professoras, educadoras como sendo os principais referenciais do conhecimento científico, segundo Santos e Araújo (2009, p. 15) tornam-se,

[...] referenciais da discussão sobre sexualidade na escola, pois podem optar por: não discutir, abstendo-se do “problema” (que não deixará de existir); [...] ou, ainda, problematizar de forma mais crítica a discussão da sexualidade para além da prevenção e promoção da saúde, considerando a intencionalidade e as relações de poder existentes na produção dos saberes.

Observamos, neste contexto, que valores permeiam as ideias que professoras/es carregam ao longo da vida, e que muitas vezes, são esses valores que são transmitidos nos conteúdos escolares e que delineiam construções de identidades dos/as estudantes. Muitas vezes estes valores reforçam os estereótipos para continuar mantendo a descrição dos sujeitos “normais” e “anormais” na sociedade, assim, aprovados ou não por alunos/as, tais valores penetram na nossa

cultura e começa nos parecer natural, normal, uma verdade.

Estes valores podem ser percebidos em uma das afirmações feita pelas participantes quando consideram ser a mulher “[...] Delicada, sensível, emotiva;” e o homem “racional, objetivo” (Trecho extraído da transcrição em áudio do 7º encontro – novembro/2011), fixando ainda mais a visão já aceita e sempre reafirmada no meio social desta sensibilidade feminina e a objetividade masculina como uma visão dualista e binária.

O próximo exemplo contempla a diferenciação do sexo e gênero que muitas vezes são encarados como sinônimos. Uma das discussões abordadas durante o projeto de extensão é a diferença entre sexo e gênero. Uma das participantes do projeto de extensão estava grávida, então, a coordenadora aproveitou como exemplo a gravidez para problematizar situações do cotidiano que envolvem perguntas que normalmente são feitas e que remetem a pré-conceitos entre a diferença sobre sexo e gênero,

Coordenadora: “Quantas vezes já perguntaram para você se ia ser menino ou menina?”

Participante: “Ah muitas vezes (risos), todo mundo pergunta”.

Coordenadora: “E você já sabe?”

Participante: “Não, ainda não”.

Coordenadora: “Quando nós perguntamos se é menino ou menina, nós estamos perguntando sobre o sexo e não sobre o gênero



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

[...]” (Trecho extraído da transcrição em áudio do 7º encontro – novembro/2011).

Há distinções significativas entre os conceitos de gênero, sexo e sexualidade que muitas vezes são interpretados como sinônimos pela maioria das pessoas, inclusive por nós profissionais da área da educação. Esses conceitos precisam ser refletidos para uma melhor compreensão dos significados presentes nas problematizações levantadas sobre essas temáticas da “[...] construção social que tem a ver com a distinção masculino/feminino incluindo as construções [...] que a sociedade forma não só a personalidade e ao comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece” (NICHOLSON, 2000, p. 02).

É neste sentido que o “[...] o conceito de gênero é uma produção histórico-social, permeada por relações de poder, interesses, conflitos, contradições e negociações entre indivíduos e grupos” (FRANÇA, 2009), também é visto quanto à identificação do tipo de relação social que é estabelecido entre homens e mulheres, determinados pela cultura e tempo histórico que vivemos, pois, são através dos estereótipos que estão inteiramente ligados ao preconceito de gênero, que são produzidos papéis como regras às mulheres e aos homens, de forma a reproduzir comportamentos, separando-os por

categorias. Separações e diferenças mal interpretadas também acontecem com o sexo e sexualidade, definidos por Heiborn, Araújo e Barreto (2010) o sexo como,

[...] ser biologicamente macho ou fêmea - ter os órgãos genitais e as capacidades reprodutivas apropriadas a cada sexo. [...] sexualidade: ter uma predisposição inata para a orientação sexual – eger, necessariamente, pessoas do ‘sexo oposto’ como objetos de desejo e parceiros de afeto.

Neste sentido, destacamos que a articulação biológica entre sexo, gênero e sexualidade não é inata, tampouco a única combinação possível. Podemos nos deparar com as mais variadas formas de ser, agir e pensar no mundo: homens femininos, mulheres masculinas, mulheres que gostam de relacionar sexualmente com mulheres, homens que gostam de se relacionar com homens vestidos de mulheres (LOURO, 2000). Nesta direção, a escola por ser um ambiente de pensamentos divergentes poderia abordar e trabalhar com as diferenças, porém, muitas vezes acontece o contrário, ela acaba sendo espaço de reprodução de desigualdades, como por exemplo, “certos” comportamentos atribuídos a meninas e meninos como “verdades” a serem incorporadas e reproduzidas por todos/as.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, foi perceptível que as representações das participantes ressaltam a dicotomia das relações entre homens e mulheres na sociedade. Tais representações, possivelmente são transmitidas para os alunos e alunas, o que notaremos com mais ênfase na categoria a seguir.

E no segundo momento de análise, percebemos nas observações em sala de aula, um ‘Espaço (re)produtores de Gêneros’, ou seja, práticas cotidianas e dinâmicas de (re)produção de comportamentos e identidades de gênero, ora entre alunos/as ora na relação das professoras com os alunos/as e no espaço como um todo. Seguem alguns exemplos de trechos extraídos dos relatórios de observação,

Logo após todos entrarem na sala para o início da aula, a professora diz a uma das alunas “ta’ parecendo moleque fazendo bagunça”, a aluna olha atentamente para a professora e senta. (Trecho extraído do relato de observação – outubro/2011).

Neste exemplo, podemos analisar as construções sociais da ideia em torno do que esperar do masculino e do feminino. Ao encontro destas representações Auad (2006, p. 33) destaca que a “[...] a imagem de ‘bagunceiros’ ou ‘ameaçadores da ordem’,” são termos muitas vezes instituídos como

característica dos meninos, com isso, remete-se a ideia de que o comportamento da aluna, segundo a professora, estava fora da disciplina tida como uma das características femininas, além de outras características como “[...] obedientes, cuidadosas, que trabalham duro e asseguram a ordem, sem jamais subvertê-la.” (AUAD, 2006, p. 35).

Em outra situação observada durante a prática de sala de aula acontece a seguinte situação,

A professora estava com uma parte do brinquedo na qual a bolinha de papel era vermelha quase Pink, uma das meninas diz: “faz verde para os meninos” e a professora pergunta: “O que é que tem? Você gosta de azul?”. Ela responde “Gosto”. A professora continua: “E de vermelho?” A aluna responde: “Eu gosto de todas”. A professora prossegue com os questionamentos: “Qual a cor dos meninos?”, “todas menos... (faz cara de dúvida) e responde “Pink”. A professora acha graça e diz “minhas meninas espertas” (Trecho extraído do relato de observação – outubro/2011).

Nesta situação podemos ressaltar que as representações de gênero são reproduzidas de maneira hegemônica pelas práticas pedagógicas quando são atribuídas cores diferenciadas a meninos e meninas. Não apontamos a ação da professora como um erro ou omissão de questionar ou problematizar a situação, mas em contrapartida é importante



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sugerirmos que em situações como estas, os/as professoras/es repensem os significados, a formação da identidade de meninos e meninas que envolvem cores, brinquedos, atitudes, valores. Em outro exemplo observado,

De repente, uma das meninas diz para outra em voz alta: “A cueca dele (apontando para um dos meninos) ‘ta’ aparecendo”. O menino percebe e fica sem graça. A professora escuta o comentário e pergunta a todos: “- Ninguém usa cueca ou calcinha? Só ele?” (Todos ficam em silêncio) e completa: “- Pensei que era novidade!” E prossegue a aula. (Trecho extraído do relato de observação – outubro/2011).

Diferentemente dos exemplos citados acima, neste, podemos observar a abordagem da professora frente ao comentário da aluna para o colega e de como o assunto deu-se por encerrado de uma maneira pontual. Destacamos por meio deste exemplo, como comentários que poderiam vir a constranger nossos/as alunos/as, podem de uma maneira simples, serem problematizadas por nós professoras.

O próximo exemplo refere-se às observações dos trabalhos expostos na parede do pátio da instituição. Apresentamos algumas discussões sobre as observações realizadas neste espaço, por ser o mesmo,

frequentado não apenas por alunos/as e professoras, mas pela comunidade em geral. Espaço das brincadeiras dos alunos(as), apresentações em datas comemorativas, entre outras atividades,

Durante o intervalo, foi observado os cartazes do pátio, que eram sobre esporte, em cada cartaz continha uma figura de homens fazendo exercícios, exibindo corpos atléticos; mulheres jogando tênis e a foto de uma modelo. Percebeu-se o reforço das questões dos corpos nos cartazes, por serem de atletas, porque para “vencerem”, como estava explícito nas frases que continham a ênfase na vitória, não só nos jogos, mas também na vida, precisaríamos ser ‘atléticos’ (Trecho extraído do relato de observação – outubro/2011).

Deparamo-nos neste exemplo com a questão dos corpos, como são representados quando explícitos no nosso meio, seja dentro ou fora do ambiente escolar. Nossos corpos constituem-se segundo Louro (2000, p. 08) “[...] na referência que ancora, por força, a identidade. [...] significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados”. Outro ponto que a mesma autora chama atenção é o de que,

[...] investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-lo aos critérios estéticos, higiênicos,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. (LOURO, 2000, p. 08).

A partir deste apontamento, fica evidente que o delineamento feito pela sociedade que detém o poder frente aos corpos de homens e mulheres promove “[...] desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade” (LOURO, 2000, p. 09).

Mediante as relações de poder que é construída a figura do gênero como norma, que não pode ser questionada, refletindo nos papéis e características ditas masculinas e femininas. Por isso, a categoria gênero carrega ao longo do tempo atribuições hierarquizadas, estereótipos e marcas que são impostos e repassados a gerações, seja por meio das mais variadas formas de linguagem possíveis, e em instâncias duradouras, em casa, na mídia, na igreja e na escola.

E para atender a um dos objetivos de nossa pesquisa, apresentamos alternativas de propostas pedagógicas, com intuito de desconstruir possíveis paradigmas sobre as

questões referentes ao gênero e de abordar a temática na instituição escolar, são elas: o uso de materiais teóricos e didáticos, como, a literatura infantil: *Faca sem ponta galinha sem pé*, da autora Ruth Rocha (2009), *Ceci tem pipi?* Do autor Thierry Lenain (2004), vídeos: *Era uma vez outra Maria* (2006) e *Minha vida de João* (2001), filme: *Billy Elliot* (1999), para serem utilizados em sala de aula com os/as alunos/as. Sugerimos ainda outras leituras dentre elas: (MESOMO, 2004; SCOTT, 1995), documentos (GOMES, 2007; BRASIL, 2007), livros (SILVA, 2004; LOURO, 2000; MEYER e SOARES, 2004), entre outros, para maior aprofundamento teórico sobre o assunto por parte de todas as profissionais.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa nos possibilitou questionar e perceber as relações de poder intrínsecas na figura do gênero como norma social, cultural e histórica, construída a ser seguida ao longo do tempo pela imposição binária entre o dominante/dominado, e refletidas nos papéis e características ditas masculinas e femininas.

Diante das análises dos dados coletados, reafirmamos a necessidade de se estudar a relação e contribuições dos Estudos de Gênero na educação escolar, pois nos dois



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

momentos analisados neste trabalho (grupos de estudos de professoras – projeto de extensão -, salas de aula e espaço escolar), notamos representações que normatizam e padronizam a identidade de meninos e meninas. Em contrapartida, evidenciamos que pensar a educação na visão do gênero é possível, e permite problematizar possíveis situações que surgem no decorrer do cotidiano escolar, seja dentro ou fora da sala de aula.

Porém, se por um lado, a escola (re)produz desigualdades de gênero, corpo e sexualidade, de outro lado, ela pode ser um ambiente que desenvolva discussões pertinentes sobre essas questões, por meio de propostas pedagógicas e de um processo de tomada de consciência dos sujeitos que a frequentam, ou seja, a comunidade como um todo, sobre seus pensamentos e ações.

Há caminhos possíveis de discussões e problematizações nas intervenções pedagógicas das professoras em sala de aula, sim, quanto à relação dos Estudos de Gênero na instituição escolar, não somente, através da formação continuada de professoras, mas contar com o envolvimento de toda equipe escolar (diretor/a, pedagogo/a, funcionários gerais), como observado durante o processo da realização do projeto de extensão é importante estratégia, pois, todos podem intervir em novas situações que estão

presentes cotidianamente, em brincadeiras, conversas informais e formais com os alunos/as, dentro ou fora da sala de aula, possibilitando desconstruir quaisquer (re)produções e/ou (re)construções em torno do que esperar do ‘ser’ masculino e do ‘ser’ feminino.

REFERÊNCIAS:

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.

BILLY ELLIOT. Produção de Stephen Daldry. Reino Unido, Working Title Films, 1999. (DVD). Duração: 1h 51min.

BRASIL, Secretaria da Educação. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Caderno SECAD 4. Brasília, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa HESSEL; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia.** Revista Brasileira de Educação. n. 23, p. 36-61. Mai/ Jun./ Jul./ Ago., 2003.

ERA UMA VEZ OUTRA MARIA.

Produção de ECOS (Comunicação em Sexualidade) em parceria com Instituto Promundo, Instituto PAPAI, Salud Gênero, World Education. São Paulo, 2006.

Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=6MEHILL1EZg>> Acesso em: 11, julho, 2013, 15h15min.

FRANÇA, Fabiane Freire. **A contribuição dos estudos de gênero a formação docente: uma proposta de intervenção.** Dissertação



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

HEIBORN, Maria Luiza, ARAÚJO, Leila, BARRETO, Andreia (Org.). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça | GPP – GeR: módulo II.** – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

JARDIM, Silvia Regina Marques; ABRAMOWICZ, Anete. **Tendências da produção paulista sobre gênero e educação: um balanço de dissertações de mestrado.** Estudos RBPG, v. 2, n. 3, p. 93-117, mar. 2005.

LENAIN, Thierry. **Ceci tem pipi?** Cia das letrinhas, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosangele de Fátima Rodrigues (org.). **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

MESOMO, Aliandra Cristina. **Educação e Infância: Ensaio sobre poder e controle.** Nuances: estudos sobre educação, São Paulo, v. 11, n. 11/12, p. 99-113, jan./jun. e jul./dez., 2004.

MINHA VIDA DE JOÃO. Produção de ECOS (Comunicação em Sexualidade) em

parceria com Instituto Promundo, Instituto PAPAÍ, Salud Gênero, World Education. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LESrHIGGon8>> Acesso em: 11, julho, 2013, 15h30min.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o Gênero.** Revista Estudos Feministas, CFH, CCE, UFSC, Brasil, Santa Catarina, v. 8, n. 2, pág. 8-41, 2000. Disponível em: <http://www.cnm.gov.ar/generarigualdad/attachments/article/281/Interpretando_o_genero.pdf>. Acesso em: 30, abril, 2012, 13h40min.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé.** Salamandra, 2009.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAÚJO, Débora Cristina de. **Sexualidades e Gêneros: Questões Introdutórias.** Sexualidade. SEED/PR, p. 13-27, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais.** Proposições, v. 12, n. 1 (34), p.151-161, março, 2001.